

Corpos Secos – o livro que me fez surtar

A ação se passa num **Brasil** devastado por uma praga misteriosa, **onde corpos humanos se decompõem, mas não morrem de verdade**. É classificado como romance, mas para mim, é terror. No mínimo, suspense. Envolvente e, às vezes, um pouco assustador. A **leitura não é leve**, vemos isso logo nas primeiras linhas.

O tema apocalipse é tratado de uma forma **muito visível e “sentível”**. De fato, entramos naquele mundo, pois é passado no nosso país, conhecemos os lugares, passamos por eles. Sentimos o que cada personagem está sentindo, é muito real. Nunca na minha vida, joguei um livro longe – esse foi o primeiro – mas não por ser ruim, muito pelo contrário. Juro!!!

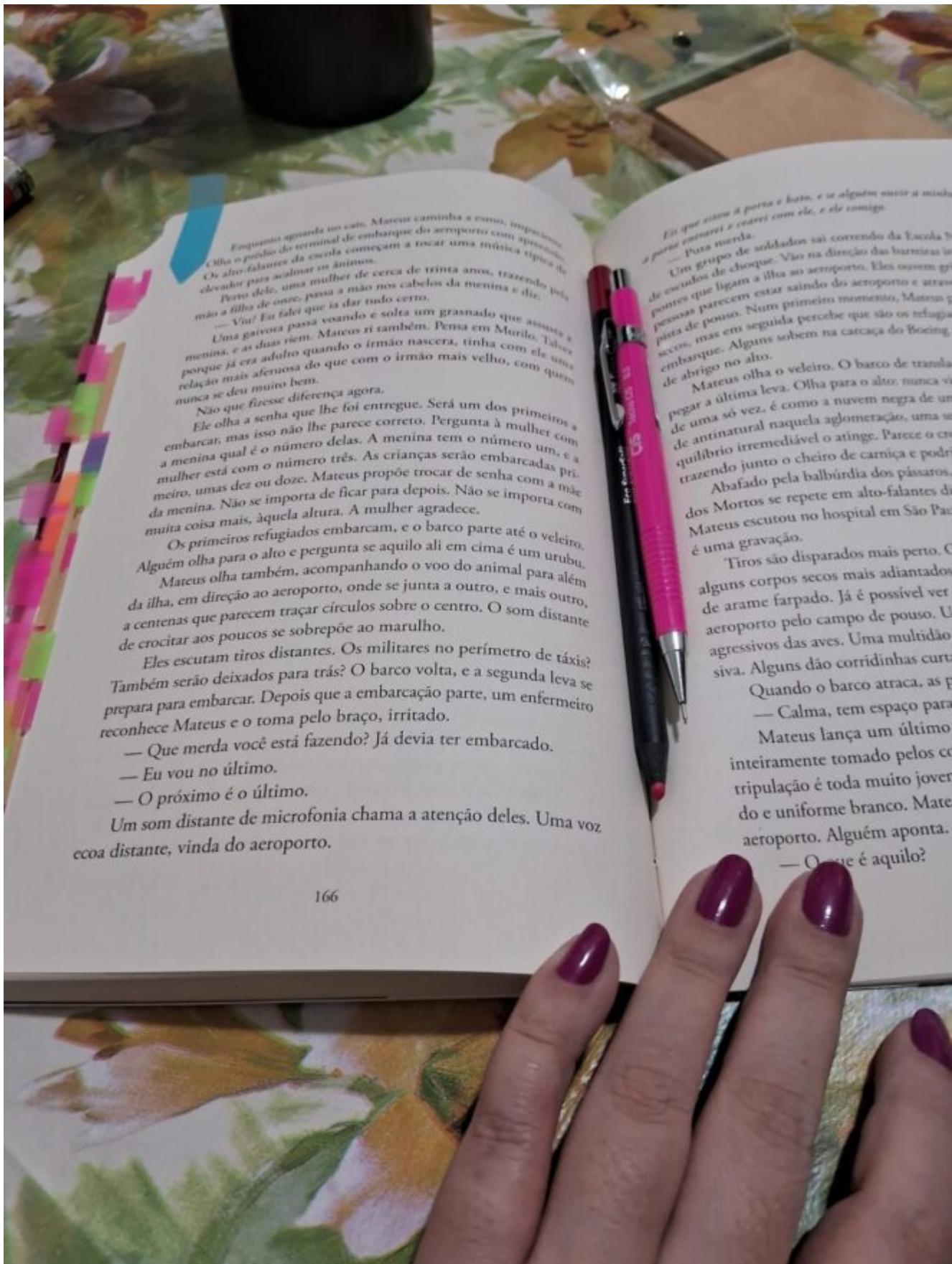
É como os autores nos dessem três tapas na cara para nos lembrar que o que estamos lendo não é um conto de fadas com final feliz! Fiquei dois dias sem ler mais nada, muito chocada. Mas vale muito a leitura e vocês vão entender o porquê. É adrenalina pura do começo ao final.

Uma coisa que nos prende é a **mudança de escrita em cada capítulo**, de primeira para terceira pessoa. Lógico, com quatro autores, cada um cuidando de um personagem, é de se esperar que sejam estilo diferentes. Achei muito legal. Cada um contando o seu ponto de vista do apocalipse zumbi.

Os autores são tão geniais que mesmo os capítulos sendo curtos – no máximo 10 páginas – eles conseguem nos fazer criar algum tipo de sentimento pelo personagem. E que por um lado, muda drasticamente ao longo da história. Com referências bibliográficas, memes e uma certo nível de ironia.

É um livro com vários **questionamentos e as reflexões**. E, cada um vê de um jeito e tá tudo certo. É assim que funciona a leitura. Lembrando sempre: estamos num **APOCALIPSE DE CORPOS**

SECOS (ZUMBIS) e nunca passamos por isso.



Enguijão aguarda seu caixão. Mateus caminha a esmo, impulsionado. Olha o prédio do terminal de embarque do aeroporto com apreensão. Os alto-falantes da escola começam a tocar uma música típica de elevadores para acalmar os ânimos.

Perto dele, uma mulher de cerca de trinta anos, trazendo pela mão a filha de onze, passa a mão nos cabelos da menina e diz:

— Vai? Eu falei que ia dar tudo certo.

Uma garota passa correndo e solta um graxato que assusta a menina, e as duas riem. Mateus ri também. Pensa em Murilo. Talvez porque já era adulto quando o irmão nasceu, tinha com ele uma relação mais afetosa do que com o irmão mais velho, com quem nunca se deu muito bem.

Não que fizesse diferença agora.

Ele olha a senha que lhe foi entregue. Será um dos primeiros a embarcar, mas isso não lhe parece correto. Pergunta à mulher com a menina qual é o número delas. A menina tem o número um, e a mulher está com o número três. As crianças serão embarcadas primeiro, uns dez ou doze. Mateus propõe trocar de senha com a mãe da menina. Não se importa de ficar para depois. Não se importa com muita coisa mais, aquela altura. A mulher agradece.

Os primeiros refugiados embarcam, e o barco parte até o veleiro. Alguém olha para o alto e pergunta se aquilo ali em cima é um urubu,

Mateus olha também, acompanhando o voo do animal para além da ilha, em direção ao aeroporto, onde se junta a outro, e mais outro, a centenas que parecem traçar círculos sobre o centro. O som distante de crocitar aos poucos se sobrepõe ao marulho.

Eles escutam tiros distantes. Os militares no perímetro de táxis? Também serão deixados para trás? O barco volta, e a segunda leva se prepara para embarcar. Depois que a embarcação parte, um enfermeiro reconhece Mateus e o toma pelo braço, irritado.

— Que merda você está fazendo? Já devia ter embarcado.

— Eu vou no último.

— O próximo é o último.

Um som distante de microfonia chama a atenção deles. Uma voz ecoa distante, vindoa do aeroporto.

— Eis que estou à porta e batu, e se alguém morir a misericórdia, a porta encontra e cestrei com ele, e ele comigo.

— Pura merda.

Um grupo de soldados sai correndo da Escola 7 de setembro, de escudos de choque. Vão na direção das barriiras de pontes que ligam a ilha ao aeroporto. Eles saem grampeados, pessoas parecem estar saindo do aeroporto e atrasadas, mas em seguida percebe que são os refugiados que embarcam. Alguns sobem na carcaça do Boeing, de abrigo no alto.

Mateus olha o veleiro. O barco de transla pegar a última leva. Olha para o alto: nunca vi de uma só vez, é como a nuvem negra de um equilíbrio irremediável o atinge. Parece o crachá trazendo junto o cheiro de carne e podridão.

Abafado pela balbúrdia dos pássaros, dos Mortos se repete em alto-falantes de Mateus escutou no hospital em São Paulo é uma gravação.

Tiros são disparados mais perto. Cada alguns corpos secos mais adiantados de arame farpado. Já é possível ver aeroporto pelo campo de pouso. Umas agressivas das aves. Uma multidão siva. Alguns dão corridinhas curta

Quando o barco atraca, as pessoas

— Calma, tem espaço para

Mateus lança um último olhar para a tripulação inteiramente tomado pelos corpos da tripulação é toda muito jovem, e uniforme branco. Mateus aponta para o aeroporto. Alguém aponta.

— O que é aquilo?

Será que estamos nos acostumando a viver absurdos? Essa é uma das grandes questões levantadas. Olhar pela janela e ver

corpos desidratados sem sentir nada... Será que, em meio a tanta tragédia e crise, a gente vai se tornando insensível? No livro, o absurdo vira rotina, e isso nos faz pensar se, na nossa realidade, já estamos num ponto em que nada mais choca, seja por indiferença ou puro cansaço.

Outra questão pesada: **é possível abrir mão dos nossos princípios morais para sobreviver?** A sobrevivência em *Corpos Secos* exige escolhas difíceis. Até que ponto você conseguiria se manter ético em meio ao caos total? Se seu melhor amigo virasse um “corpo seco”, você seria capaz de acabar com o sofrimento dele, mesmo que isso te fizesse sentir um assassino? O livro nos coloca nesse dilema ético o tempo todo: **quando é aceitável quebrar nossos princípios?**

E qual seria o limite para garantir a própria sobrevivência? O que você faria para continuar vivo? No livro, os personagens vão ao extremo, usando banha de corpos mortos, questionando até onde se pode ir para não morrer de fome. Mas será que há um limite? Ou o **instinto de sobrevivência fala mais alto que qualquer regra moral?**

Em *Corpos Secos*, a ideia da inocência das crianças é desafiada. **Como manter a inocência em um mundo onde a sobrevivência é a prioridade número um?** E talvez a pergunta não seja só “para onde vai a inocência?”, mas sim: como podemos, como sociedade, proteger essa parte tão essencial das nossas crianças em tempos de crise?

Outro ponto abordado é o colapso das instituições. O governo, no livro, está completamente perdido, deixando a população à mercê da própria sorte. E aí surge o dilema: em quem confiar quando as instituições falham? **Quem detém o poder quando o Estado não consegue mais garantir a segurança básica?** O livro é uma crítica pesada à fragilidade das estruturas políticas e sociais em tempos de crise.

Corpos Secos nos obriga a pensar em como reagiríamos em uma

situação de colapso. Será que somos mesmo capazes de manter nossa humanidade quando o mundo desmorona ao nosso redor? E você, quem seria nesse cenário? A pessoa que luta para manter seus valores ou alguém que faz o que for preciso para sobreviver?

Serviço – Título Corpos Secos

Autores – Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polessio e Samir Machado de Machado

Gênero – distópia mix de terror e ficção científica

Editora – Alfaguara